

MARCO NEVES

# GRAMÁTICA PARA TODOS

o português na  
ponta da língua

NÃO-FICÇÃO · LÍNGUA

# ÍNDICE

<b>1. O que é uma regra de português?</b> . . . . .	13
1.1. Gramática e <i>Harley-Davidson</i> . . . . .	13
1.2. As regras nascem nos livros? . . . . .	17
1.3. Que disciplinas estudam a língua? . . . . .	21
1.4. O que é a gramática? . . . . .	22
1.5. O que é a norma do português? . . . . .	24
<b>2. O armazém das palavras</b> . . . . .	27
2.1. Peças para construir palavras . . . . .	27
2.2. Armazéns de porta aberta . . . . .	32
Nomes . . . . .	32
Nomes há muitos . . . . .	32
O género do nome . . . . .	33
O número do nome . . . . .	35
O grau do nome . . . . .	38
Verbos . . . . .	39
O que é um verbo? . . . . .	39
A flexão verbal . . . . .	40
Os verbos auxiliares . . . . .	46
A voz passiva . . . . .	47
Como moldar o verbo ao nosso gosto? . . . . .	47
Adjectivos . . . . .	52
Advérbios . . . . .	53
Interjeições . . . . .	57
2.3. Os parafusos da gramática . . . . .	59
Determinantes . . . . .	59
Quantificadores . . . . .	61
Pronomes . . . . .	61

Preposições . . . . .	67
Conjunções . . . . .	68
2.4. Palavras feitas de várias palavras . . . . .	69
2.5. Como criar palavras novas? . . . . .	70
<b>3. A máquina das frases . . . . .</b>	<b>73</b>
3.1. O molde da frase . . . . .	73
Entre sujeitos e predicados . . . . .	73
O grupo nominal. . . . .	76
O grupo verbal. . . . .	78
As funções do grupo verbal . . . . .	78
A concordância do grupo verbal . . . . .	80
O grupo adjectival . . . . .	82
O grupo adverbial . . . . .	83
O grupo preposicional . . . . .	83
3.2. Como fazer perguntas (e não só)? . . . . .	84
3.3. Como criar frases infinitas. . . . .	86
3.4. A língua na oficina . . . . .	89
Ler a frase em voz alta. . . . .	89
Pensar na divisão entre frases e na sua estrutura interna. . . . .	90
Ter cuidado com as repetições. . . . .	92
3.5. Como escrever frases inesquecíveis? . . . . .	94
<b>4. Como criar um texto . . . . .</b>	<b>99</b>
4.1. Investigar . . . . .	99
4.2. Planear . . . . .	100
4.3. Escrever . . . . .	100
4.4. Reescrever . . . . .	103
4.5. Arriscar . . . . .	104
<b>5. O verniz da escrita . . . . .</b>	<b>107</b>
5.1. Dúvidas e armadilhas . . . . .	107
«À» ou «á»? . . . . .	107
«Açoriano» ou «açoreano»? . . . . .	107
«Apóstrofo» ou «apóstrofe»? . . . . .	108
«Às» ou «ás»? . . . . .	108
«À-vontade» ou «à vontade»? . . . . .	108

«Bênção» ou «benção»?	108
«Bilião» ou «mil milhões»?	109
«Blogue» ou « <i>blog</i> »?	109
«Cabo-verdiano» ou «cabo-verdeano»?	109
«Com certeza» com «concerteza»?	109
«Contacto» ou «contato»?	110
«Cozer» ou «coser»?	110
«Despercebido» ou «desapercebido»?	110
«Despoletar» ou «espoletar»?	111
«Do» ou «de o»?	111
«Dum» ou «de um»?	111
«Em França» ou «na França»?	112
«Enquanto que» ou «enquanto»?	112
«Facto» ou «fato»?	113
«Fazer a barba» ou «desfazer a barba»?	113
«Há» ou «à»?	113
«Havia» ou «haviam»?	113
«Interveio» ou «interviu»?	113
«Malfeito» ou «mal-feito»?	115
«Manda-mos» ou «Mandamos»?	115
«Não há nada» ou «há nada»?	115
«O comer» ou «a comida»?	116
«O que» ou «que»?	116
«Oficial» ou «oficioso»?	116
«Órgão» ou «orgão»?	116
«Ouro» ou «oiro»?	116
«Outrem» ou «outrém»?	116
«Porque» ou «por que»?	116
«Precariedade» ou «precaridade»?	117
«Rubrica» ou «rúbrica»?	117
«Se não» ou «senão»?	117
«Separa-se» ou «separasse»?	117
«Soalheiro» ou «solarengo»?	117
«Trás» ou «traz»?	118
«Um dos que falaram» ou «Um dos que falou»?¶	118

«Vêm» ou «vêm»? . . . . .	118
«Viria» ou «vinha»? . . . . .	118
«Voo» ou «vão»? . . . . .	119
<b>5.2. Pontuação . . . . .</b>	<b>119</b>
Ponto . . . . .	119
Dois pontos . . . . .	120
Vírgula . . . . .	121
Ponto e vírgula . . . . .	123
Reticências . . . . .	124
Ponto de exclamação. . . . .	125
Ponto de interrogação . . . . .	125
Travessão . . . . .	126
<b>5.3. Sinais . . . . .</b>	<b>129</b>
Acentos gráficos . . . . .	129
Acento agudo ou circunflexo . . . . .	129
Acento grave . . . . .	131
Sinais diacríticos . . . . .	131
Sinais gráficos . . . . .	131
Apóstrofo . . . . .	131
Hífen . . . . .	132
Sinais auxiliares de escrita . . . . .	134
Parêntesis curvos . . . . .	134
Parêntesis rectos . . . . .	135
Aspas . . . . .	135
Formas de realce. . . . .	136
Itálico . . . . .	136
Negrito . . . . .	136
<b>5.4. Abreviaturas, siglas, acrônimos e números. . . . .</b>	<b>136</b>
Abreviaturas. . . . .	136
Siglas. . . . .	136
Acrônimos. . . . .	137
Números . . . . .	137
<b>5.5. Maiúsculas e minúsculas . . . . .</b>	<b>138</b>
<b>Referências . . . . .</b>	<b>143</b>

# 1. O que é uma regra de português?

## 1.1. Gramática e *Harley-Davidson*

A primeira vez que senti verdadeiro prazer em conduzir foi numa das últimas aulas práticas. O instrutor pediu-me para levá-lo a uma loja da *Harley-Davidson* e para esperar por ele no carro.

Quando voltou, com os seus cabedais no saco, sentou-se e disse-me apenas:

– Vá, vamos embora para a escola.

Não me disse para pôr a primeira, não me pediu para olhar pelo espelho, não me deu, aliás, nenhuma instrução. Apenas um pedido, um objectivo – eu já sabia como fazer tudo o resto.

E foi assim que, usando o que tinha aprendido nas aulas, olhei pelo espelho, pus a primeira, carreguei no pedal – e lá me subiu pelo corpo o prazer em sentir o carro a acelerar pela estrada sob o meu comando. Hoje, muitos anos depois, conduzo de forma que me parece natural. Os gestos estão mais do que aprendidos.

Ora, escrever é como conduzir: aprendemos as regras e os gestos de forma consciente, nos primeiros anos de escola, mas, a certa altura, já nem notamos que regras e gestos são esses: simplesmente avançamos para o nosso destino. Tal não significa que não haja acidentes pelo caminho – e não há como negar que há condutores melhores do que outros e que há condutores com uma condução mais confortável, enquanto outros nos deixam com o coração aos saltos (o que não deixa de ser bom em certos dias, desde que levemos o cinto de segurança posto).

A comparação que fiz acima é perigosa: escrever é como conduzir, de facto, no sentido em que aprendemos as regras da ortografia na escola. Mas, no entanto, as regras gramaticais, aquelas que nos permitem criar frases – essas não são aprendidas na escola, pelo menos na sua maioria.

Aprender a gramática é bem mais parecido com aprender a andar. Aprendemos a andar através da imitação, da tentativa e erro e, sim, do incentivo dos

pais e demais família. Ninguém nos ensinou de forma consciente, no sentido de nos dar instruções e explicações de como funciona o corpo.

Começamos a andar. Fazemo-lo um pouco a medo, no início, mas logo ganhamos confiança. Há uma série de mecanismos cerebrais e motores envolvidos no processo, mas não pensamos neles – nem sequer os conseguimos descrever.

Aprender a falar é um pouco como aprender a andar. Também vamos lá através da imitação, da tentativa e erro e do incentivo dos outros. Neste caso, as quedas são as reacções de quem fala connosco – mas, curiosamente, aprendemos as regras da língua (na oralidade) mesmo que ninguém nos corrija. Ao fim de alguns anos de treino, o cérebro já reconstruiu, em cada falante, um sistema de regras e excepções – um sistema que nos permite falar (às vezes connosco próprios).

Sim: a gramática que descrevo neste livrinho já estará no cérebro de quem o lê.

Dou um exemplo concreto: ninguém que fale português terá dificuldades em perceber que o futuro do indicativo que usei no parágrafo anterior («estará») não remete para o futuro – remete para uma grande probabilidade, sem certezas... Usei-o porque pode dar-se o caso de o livro ir parar às mãos de quem está a aprender a nossa língua *agora* – e, por isso, não sabe português. Ora, este uso do futuro está registado nas gramáticas, mas não é necessário lê-las – e muito menos decorá-las – para o conhecer. Faz parte das regras que os falantes da língua levam na cabeça. Os falantes não saberão apenas interpretar este uso do verbo – saberão também que é um uso relativamente formal, comum na escrita, menos comum na oralidade...

Na verdade, o leitor sabe isto tudo, mas talvez não saiba que sabe. O fosso entre aquilo que sabemos fazer com o português e aquilo que sabemos descrever sobre a língua é enorme. Os linguistas – cientistas que se ocupam da pesquisa e descrição dessas regras – andam, às centenas, a garimpar nesta mina, e ainda há muito por descobrir.